

MEMÓRIA DAS ÁGUAS: OS PRESENTES DAS AYABÁS E AS ÁGUAS DE OXALÁ UM FATOR CULTURAL E PAISAGÍSTICO

Jackson Santos das Virgens[1]

Palavras-chave: Candomblé; Geografia Cultural; Povo de terreiro.

INTRODUÇÃO

Introduzindo a ideia de que a partir do entendimento da cultura na geografia, os elementos naturais e os produzidos pelos seres humanos são dotados de significados, valores, que correspondem às diferentes culturas, situadas em diferentes lugares do planeta. Um exemplo dentre os elementos naturais seria a água, que além da importância para a sobrevivência e manutenção da vida, configura as paisagens e assume papéis simbólicos para as distintas culturas, como o candomblé, trabalhando essa percepção da relação do ser humano com a natureza, surgiu a perspectiva de falar como a água é fundamental para a existência destes nos seus processos e na paisagem, além de dar visibilidade ao candomblé quando tratamos sobre a questão da água, que é uma fonte essencial e vital para existência da instituição religiosa (as questões ritualísticas, os processos de preservação, as adorações a água, e a própria disposição do axé [energia vital]).

A noção mítica e que traça uma epistemologia das tradições africanas é bem referenciada e definida no estado da Bahia, o modo de viver e resistir da comunidade de terreiro são, traz uma cosmoconcepção de que o ser humano e a natureza são uma unidade unilateral, daí percebe-se que a relação ser humano-natureza-cultura é um grande fator de proximidade que ressignifica o poder centralizador identitário, ou seja, que reafirma sua identidade.

[1] Gruadando em Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Educação, Tecnologia e Ciências da Bahia e Estagiário.

A forma de pensar o mundo para o povo de terreiro vai em direção contrária ao que é sistematizado pelo pensamento e(eu)urocentrico, como diria Porto-Gonçalves (2012), trazendo essa ideia de tornar evidente que um pensamento de raízes europeias e mais recentemente estadunidense. Os povos de terreiro visam uma tradição que vai além da dimensão terrena, mas que busca uma real intermediação entre o modo de se relacionar com a natureza e os orixás. E que pensar na natureza nesse trabalho é trazer em evidência a água para o culto, o *ethos* ancestrais para existir como instituição religiosa e como um povo cultural.

Em decorrência do que foi descrito acima, na prerrogativa de entender a relação entre a água e a cultura e suas marcas nas paisagens, foi buscado na obra de Eric Dardel, "o homem e a terra: natureza da realidade geográfica" (2011), no qual propõe uma reflexão profunda sobre como os espaços geográficos não são apenas coordenadas cartográficas, ou dos aspectos geométrico, mas também expressões da identidade e da memória afetiva dos povos.

É de extrema importância entender que a água para os povos de terreiros é uma fundamentação que não tem como ser dissociada do seu aspecto religioso, primeiro porque existe a própria devoção à natureza (o que liga a questão do ser humano pertencer à natureza ao invés de estabelecer para com ela uma relação de dominação) e segundo que essa devoção vai fomentar e efetivar sua identidade. E é baseado nesse aspecto devocional que nasceu esse trabalho, cujo objetivo é valorizar a identidade dos povos de terreiros e demonstrar como a água é fundamental para seus cultos, o que, por sua vez, transforma as paisagens do seu entorno de ação (ainda que de maneira temporária). Desta forma, esse trabalho visa analisar como os presentes das yabás (orixás femininos que têm vínculo afetivo com as águas) e a água de Oxalá (patrono do "panteão" dos orixás), transformam e ressignificam, visual e simbolicamente, as paisagens da cidade de Salvador, Bahia, por meio dos cultos e festividades vinculados ao candomblé.

É importante entender o presente das ayabás como um aspecto da paisagem, quando torna-se perceptível a utilização das águas e o que está ao redor como endossamento desse aspecto. Os presentes são colocados sempre em locais que são considerados sagrados para as divindades, principalmente Oxum e Iemanjá. Para o presente de Oxum são utilizados cachoeiras e rios para receber esse presente, já para Iemanjá será o próprio mar - que para o povo de terreiro é a extensão da existência do axé. As águas de Oxalá é um festejo que vai retratar uma caminhada serena com os filhos de santos com uma quartinha com água fresca dentro, assim ornamentando a paisagem com o branco em representação ao orixá. Entendendo que durante esse processo pode chover e reconfigura ainda mais a paisagem.

O objetivo aqui é narrar como a água forma a identidade cultural dos povos de terreiros, mas também abordar como os presentes e a água de Oxalá estão presentes na vida dos povos de terreiro. Pensando que a água é importante para o ser humano, a justificativa foi pautada em como o povo de terreiro se identifica com a água e a paisagem. Logo, compreende-se que tanto os presentes das ayabás quanto a água de Oxalá, são festejos que transformam a paisagem no dado momento e que enaltece e coloca em evidência a existência da diversa identidade cultural do povo de terreiro, assim configurando uma afetividade na paisagem.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Contextualizando a Geografia Cultural na perspectiva humanista de Eric Dardel

Em sua obra, “o homem e a terra: natureza da realidade geográfica” (2011), propõe uma reflexão profunda sobre como os espaços geográficos não são apenas coordenadas cartográficas, ou dos aspectos geométrico, mas também expressões da identidade e da memória afetiva dos povos, ou seja, a subjetividade que esse povo vai ter em relação ao que ele vai denominar de espaço. A sua abordagem nos convida a considerar a paisagem, o lugar e o território como entidades que carregam significados simbólicos e emocionais, especialmente em contextos culturais específicos. Neste sentido, Besse (2011) aponta que,

> A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de irrealização, sobre a própria realidade. [...] Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres (terrienes), marinhos ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o Homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. (apud, DARDEL, 1952. p. 5-6.)

Assim como as folhas (daí a ideia de fitolatria, ou seja, o culto e adoração as plantas) e os animais (para o preparo dos alimentos, seja para alimentar o corpo espiritual, mas também para alimentar o corpo físico), no âmbito da prática do candomblé a água emerge como um elemento central que transcende sua função física, tornando-se um símbolo de conexão espiritual, ancestralidade e vida. Para os praticantes dessa religião de matriz africana, a água é mais do que um recurso; é um espaço sagrado onde os rituais são realizados e onde a comunicação com os orixás se concretiza. Lagos, rios e fontes tornam-se locais de memória e devoção, onde as histórias dos antepassados ressoam, logo este elemento sagrado entrelaça a paisagem natural com a identidade cultural da comunidade afro-brasileira.

A relação do povo de candomblé com a água é um exemplo que se aproxima do conceito “a paisagem não é uma mera visualização física, mas um território carregado de significados e vivências que moldam a identidade coletiva”. Os locais de culto e rituais à beira d'água são impregnados de uma memória afetiva que liga os indivíduos a suas raízes, memórias e tradições. Assim, a água se torna um meio de preservação cultural e um símbolo da resistência e da continuidade das práticas religiosas.

A memória das águas e os presentes

O movimento das águas dentro do candomblé é algo que deve ser estudado de uma forma plural (Rangel, Gomberg. 2016), principalmente quando o foco vai está ligado aos aspectos considerados fenomenológico, humanístico e cultural. Pensando nesse aspecto, na cultura e espiritualidade dos povos de terreiros, as memórias da água ressoam profundamente, refletindo uma conexão ancestral que transcende o tempo e o espaço. Dardel (2011) define que existe um espaço geográfico que tem sua fluidez, tem sua originalidade do domínio de água, o espaço aquático, que é o espaço líquido. A água, elemento essencial à vida, é vista como um meio de comunicação entre o mundo humano e o divino, carregando significados multifacetados que vão além de sua composição física. Para os praticantes das tradições afro-brasileiras, a água é um veículo de orações, agradecimentos e ofertas, um canal que permite a manifestação das forças sobrenaturais. Predominantemente, dentro das tradições dos povos de terreiros, as ayabás - divindades femininas que representam as forças da natureza, tendo nas maiorias dos casos ligações diretas com as águas - desempenham um papel crucial. Cada uma delas carrega com si características peculiares e, entre suas oferendas, destaca-se a importância dos "presentes". O presente de Oxum, por exemplo, é tradicionalmente um símbolo de amor, fertilidade e

riqueza. Oxum é considerada a deusa das águas doces, e seus presentes frequentemente incluem espelhos, flores, perfumes e alimentos, que são depositados em locais sagrados, como cachoeiras e rios. Esses locais não são apenas geograficamente significativos, mas também espiritualmente reverberantes.

Logo, entende-se que a prática de depositar presentes em cachoeiras reverbera um profundo respeito pela ancestralidade e pela natureza. A água, assim como as memórias que ela carrega, é um elo que conecta as gerações passadas às presentes, um testemunho das histórias e das lutas dos que vieram antes. Ao realizar esses rituais, os povos de terreiros evocam a ancestralidade, promovendo um reconhecimento do que foi e do que é, em um ciclo contínuo de reverência e gratidão.

A água como fator modelador da paisagem

A água, em sua essência multifacetada, é um dos principais fatores modeladores da paisagem (Rangel, Gomberg. 2016), especialmente nas práticas e na vivência dos povos de terreiros na cidade de Salvador. A capital baiana, com sua rica herança cultural e histórica, é um palco onde as forças da natureza se entrelaçam com a espiritualidade, formando um cenário único em que a água não é apenas um recurso, mas uma entidade sagrada que molda e permeia a vida cotidiana e os rituais de seus habitantes.

No contexto dos cultos afro-brasileiros, a água é uma representação viva dos orixás, como Oxum e Iemanjá, cujas entidades estão profundamente ligadas a corpos hídricos que cercam a cidade. Oxum, orixá das águas doces, é frequentemente associada a rios e fontes, simbolizando a fertilidade, a beleza e a riqueza. Os terreiros de Salvador, que geralmente se situam próximos a mananciais ou em lugares onde a presença da água é forte, reverenciam a energia de Oxum em rituais que celebram a vida e a renovação. Os praticantes se conectam a essas águas, não apenas como um elemento físico, mas como um canal de comunicação com o divino, onde a água se transforma em meio de purificação e bênção.

Por outro lado, Iemanjá, a rainha do mar, é um símbolo poderoso que congrega o aspecto das águas salgadas. A imensidão do Oceano Atlântico, que envolve Salvador, é o lar espiritual da orixá, e as suas praias se tornam pontos sagrados de encontro e reverência. Os festejos em sua homenagem atraem milhares de fiéis todos os anos, que oferecem flores e pedidos, testemunhando a profunda relação entre as comunidades e as águas que moldam a costa da cidade. Nesse contexto, a água não é apenas um elemento natural, mas uma fonte de identidade e resistência cultural.

Metodologia

A metodologia utilizada na construção desse trabalho é de análise qualitativa de observação, com revisão bibliográfica e análise documental (livros, referências bibliográficas, artigos e sites). Que teve base teórica nos fundamentos de Eric Dardel, além de leitura minuciosa de artigos que falassem sobre a dinâmica do povo de terreiro e sua relação com a natureza, em destaque a água.

Também ocorreu a dinâmica de observação e vivência entre o povo de terreiro, a partir da qual foi possível compreender foi analisada como é essa relação do povo de terreiro com a águas e como estes se tornam um autor para modificar a paisagem em determinada temporalidade, assim concretizando sua identidade cultural.

Resultados Parciais ou Finais

É notável que falar sobre a questão religiosa dentro das ciências humanas, principalmente a geográfica, é fundamental para o entendimento das relações do ser humano com o meio que esse está inserido.

Ao desenvolver essa reflexão acadêmica, buscaremos entender os aspectos simbólicos das águas, não apenas como elementos físicos, mas como protagonistas em narrativas que moldam a identidade do ser humano. Essa abordagem nos permitirá apreciar a profundidade da relação entre cultura e paisagem, revelando a importância da preservação e valorização das tradições que persistem e se reinventam ao longo do tempo. Assim, ao entender os orikis, não apenas celebramos a riqueza cultural herdada, mas também garantimos que as vozes do passado continuam ecoando no presente, contribuindo para um futuro onde as memórias e as identidades se entrelaçam sempre mais.

Portanto, é essencial promover políticas públicas que garantam o direito à água e à preservação dos espaços sagrados dos povos de terreiros em Salvador. Isso inclui a valorização e a proteção dos saberes tradicionais, além de um reconhecimento mais amplo da importância desses rituais para a cultura brasileira como um todo. A luta pela água é, na verdade, uma luta pela dignidade, identidade e resistência cultural desses povos, que devem ser apoiados e respeitados em suas práticas e direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da água no Candomblé vai além das oferendas e rituais; ela está intrinsecamente ligada à fertilidade da terra, à saúde e à prosperidade. Logo, é imprescindível entender que a água não é só um adereço para o povo de terreiro, é compreender que a dinâmica que estes conseguem produzir, seja na remodelação da paisagem (paisagem essa que pode ser perceptível de diversas maneiras) é de fato uma análise que deve sempre está sendo difundida.

Logo, as memórias da água são uma forma de estabelecer uma conexão entre a academia com a cultura dos povos de terreiro, estabelecendo uma troca de saberes entre a experiência religiosa e a fundamentação teórica, para compreender a paisagem que é modificada através dos presentes das yabás, como também tem uma forte ligação com chuva (biogeografia) (MACHADO, 2020), que em particular, é vista como uma benção dos orixás e um sinal de renovação e abundância.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MACHADO, Deusana Maria da Costa et al. Patrimônio Geológico: Uma indissociabilidade entre Geo/Biodiversidade, Patrimônio e Cultura. In: **Anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil**. Anais. Belo Horizonte(MG) Rio de Janeiro, 2020.

RANGEL, Maria Cristina; GOMBERG, Estélio. Á água no candomblé: A relação homem-natureza e a geograficidade do espaço mítico. In: **XVIII Encontro Nacional de Geografia**. São Luís/MA, 2016. A Construção do Brasil: geografia, ação política e democracia. 2016.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A Ecologia Política na America latina: Reapropriação Social da Natureza e Reinvenção dos Territórios.v.9, n.1, p. 16-50,R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis Jan./Jul. 2012.